

ENTRE MORANGOS E MOFOS: FIGURAÇÕES DO HOMOEROTISMO EM CAIO

FERNANDO ABREU

Patrícia de Oliveira (PIBIC/Araucária), (UNESPAR/FECILCAM), patty.oliveira25@yahoo.com.br
Wilma dos Santos Coqueiro (OR), (UNESPAR/FECILCAM), wilmacoqueiro@ibest.com.br

RESUMO: Os personagens homoeróticos de Caio Fernando Abreu possuem características excêntricas, com personalidades descentralizadas e marginais, fugindo das normas preestabelecidas socialmente. O autor aborda em suas obras temáticas confluentes para o cenário nacional dos anos de 1980, mostrando constantemente personagens em crises psicológicas, emocionais e existenciais. O objetivo dessa pesquisa, ancorada nos aportes teóricos da teoria *queer* e dos estudos sobre o pós-modernismo, é analisar como ocorre a figuração e o posicionamento dos personagens homoeróticos em contos de Caio Fernando Abreu. Tendo em vista que os estudos literários no Brasil acerca da literatura *queer* ainda são recentes devido ao fato da literatura homoerótica não figurar na lista de obras canônicas, serão analisados aqui os contos: “Sargento Garcia”; “Aqueles Dois”; “Terça - feira Gorda”; e “Os sobreviventes”; que integram a coletânea *Morangos Mofados*, de 1982. O autor, através de seu fino trato com a linguagem, conseguiu romper barreiras e trazer novos horizontes para a literatura brasileira e quiçá mundial, abordando temas como a AIDS, solidão, angústia, questões de gênero e problemas sociais.

PALAVRAS-CHAVE: *Literatura Queer; Caio Fernando Abreu; Identidade homoerótica.*

INTRODUÇÃO

Embora não exista um consenso teórico sobre a importância e significação do movimento contemporâneo que por convenção passou a ser intitulado de pós-modernismo, esse tomou grandes proporções. A sociedade passou a incorporar uma visão simplificada e real, não como o realismo ou até mesmo o modernismo, mas uma arte feita para que a vida fosse apresentada diretamente a partir do seu real, gerando-se naquele momento a antiarte. A partir dali, os artistas começaram a abandonar os materiais consagrados como artísticos e usar materiais do cotidiano. No pós-modernismo, o importante não é a obra como resultado final, mas sim todo o processo inventivo presente.

Durante muito tempo, o cânone literário não incluía as minorias. Dessa forma, esses grupos foram silenciados. Por isso, nesse projeto propõe-se a fazer uma leitura homoerótica em alguns contos do escritor contemporâneo Caio Fernando Abreu. Embora a sexualidade seja tema de estudos em diversos campos científicos, dentro da literatura é ainda uma temática pouco abordada.

Apesar de já haverem estudos literários no Brasil sobre o homoerotismo, os gays ainda pertencem à classe marginalizada da sociedade, bem como a literatura que os representa. Com o advento do pós-modernismo, o homoerotismo ganhou espaço e voz na esfera literária, entre autores que tratam deste tema.

A produção de obras que abordam o tema da homossexualidade se insere no contexto maior dessa produção literária contemporânea chamada de “pós-moderna”, cujas principais características são, por exemplo, a fragmentação, a relativização, a desreferenciação, a perda do senso de história, a perda da memória e a ambiguidade.

Ainda existe uma forte divisão entre heterossexual e homossexual. Entre os anos 1970 e 1980 há um grande avanço no cenário das pesquisas e campos de estudos sobre a literatura homoerótica. Na Inglaterra surge com uma expressão intraduzível *Queer Studies*, que entre outras relevâncias, submete a noção de orientação sexual a uma crítica profunda, que está na base do conceito de homossexualidade. Há de se ressaltar que deve haver uma distinção entre os papéis, identidades e comportamentos no estudo homoerótico.

A *literatura queer* é mais explícita quanto às referências ao sexo. Segundo Foucault (2000), isto se deve ao preconceito e misticismo criado em torno da homossexualidade. Muitos homossexuais se concentravam na busca pelo ato em si. A partir daí, houve a valorização da descrição do ato sexual nas produções literárias, porém podemos encontrar tanto produções dedicadas ao amor, quanto abordagens puramente carnavais.

Diante disso, o objetivo desse trabalho é analisar a identidade e figuração homoerótica dos personagens nos contos “Sargento Garcia”; “Aqueles Dois”; ”Terça - feira Gorda”; e “Os sobreviventes”; de Caio Fernando Abreu, publicados na coletânea *Morangos Mofados*, de 1982.

A EMERGÊNCIA DA LITERATURA HOMOERÓTICA NO BRASIL

Durante muito tempo, o tema da homossexualidade era tratado principalmente pela psicologia e medicina, quando ainda não havia uma palavra específica para nomear as pessoas com uma opção sexual “diferente”, como “invertidos sexuais”, estigmatizando a homossexualidade como anomalia e pecado.

Na literatura, ainda é escasso um estudo apurado acerca da história da homotextualidade. Por muito tempo, a homoafetividade era relatada de maneira velada e, em alguns raros casos, explicitamente, muitas vezes preconceituosos, quase sempre como doença ou perversão. Anos depois, o tema ganhou um pouco mais de projeção na esfera literária. Entre as obras mais conhecidas estão as naturalistas *Bom crioulo*, de Adolfo Caminha, de 1895, *O Cortiço*, de Aluísio de Azevedo, datado de 1890, *O Ateneu*, de Raul Pompéia, publicado em 1888. Em 1914, a revista *Rio Nu* publicou um conto com temática gay, intitulado “O Menino Gouveia”, porém a autoria é desconhecida. Pode-se citar também, entre muitos outros escritores que trabalhavam com o homoerotismo, autores como João do Rio (pseudônimo de João Paulo Emílio Cristóvão dos Santos Coelho Barreto), Glauco Mattoso

(pseudônimo de Pedro Ferreira da Silva), Joaquim Lúcio Cardoso Filho, também conhecido como Lúcio Cardoso, Mario Faustino, Sósigenes Costa, Anibal Machado, Otaviano de Faria, Silviano Santiago, Ana Cristina César, José Carlos Honório, Caio Fernando Abreu, João Gilberto Noll e Bernardo Carvalho.

Caio Fernando Abreu é um autor cuja obra por muito tempo foi deixada fora das leituras seletivas de universidades, seus vestibulares e, principalmente, das escolas por tratar de temas polêmicos para a sociedade, como a AIDS e o homoerotismo. Classificado como literatura de minorias, ou como o crítico literário Harold Bloom (2001) que a classifica como “a escola do ressentimento”.¹ Nessa seara, são incluídas as produções literárias de gays, transexuais, lésbicas, mulheres, negros, moradores de subúrbio, entre outros. Estes foram negligenciados pela literatura canônica.

As correntes contemporâneas não separam o ideológico do social. Bloom (2001, p.26) afirma que: “Tudo que podemos fazer agora é manter certa continuidade com o estético e não ceder à mentira de que nossa oposição é à aventura e a novas interpretações.”. Deste modo, procura proteger a hegemonia elitista dos cânones mediante a valorização estética e primazia pela originalidade. Boa parte da crítica literária ainda estima a dominância masculina sobre a mulher; a vigência heterossexual na sociedade e a elitização da literatura.

Somente a partir da década de 1960, com uma ampla revolução cultural, que esses grupos começaram a “questionar o centro” como atesta Linda Hutcheon (1991). Quando se conhece a cultura local, de seu país, há uma maior inclinação para questionar o que é normatizado como certo e errado, normal e anormal, e a necessidade de se ter uma opção sexual única e fundamental. É o período que as minorias emergem e buscam espaço na esfera literária. Caio Fernando Abreu é um dos autores que ganha espaço e reconhecimento entre a crítica literária, suas obras passam a receber mais atenção e apressado, devido a suas temáticas e fino trato com a linguagem. Segundo Santos e Wielewicki (2009, p.338):

[...] os textos homoeróticos buscam discutir a homossexualidade em duas vias: constituída dentro de um contexto moral e/ou religioso onde se apresenta como transgressão à ordem vigente, e dentro de um contexto da literatura contemporânea que busca uma identidade homossexual positiva, vinda de uma elaboração de sensibilidades homoeróticas mais complexas, que ultrapassam a dimensão do gueto.

¹ De acordo com Bloom (2001), os componentes desta escola por ele chamada de ressentimento, buscam reduzir a importância literária dos clássicos cânones. São ressentidos pelo descontentamento social e por isso se dissolvem em vários grupos que buscam sua própria âncora social.

Com a explosão dos movimentos de liberação sexual e do caso de Stonewall², esse período marcou o surgimento de identidades homoeróticas na sociedade ocidental, entendidas como uma nova estética. Assim, a sexualidade/sexo tornou-se objeto de discurso de diversas áreas. Caio Fernando Abreu, através de sua produção literária, rompeu barreiras culturais e ganhou espaço, dando voz para aqueles que foram silenciados pelos cânones literários. Um dos pontos que diferencia e ressalta as produções de Caio Fernando Abreu é a discussão que seus personagens propiciam, abordando a identidade cultural e colocando em xeque a política social que divide e isola os homossexuais dos heterossexuais. De forma intimista e descentralizada, as verdades são questionadas e as certezas dissolvidas, em uma esfera marginalizada, constituída de seres estrangeiros que habitam o mesmo lugar, mas não se enquadram nos padrões político-sociais.

A sexualidade se tornou um elemento essencial para a afirmação da identidade dos indivíduos na pós-modernidade, o sujeito homossexual ainda vive em uma dualidade na afirmação de sua identidade: por um lado se encontra às voltas das regras de satisfação do seu desejo sexual; de outro, ainda é atrelado às crenças e estigmas do homoerotismo.

A construção de uma identidade é um ponto acentuado. Em meio a tantas incertezas, confluências e rupturas, a homotextualidade emerge e trilha na contramão do cânone. A literatura é um produto cultural, fruto também do social, perpassado por discursos dominantes, dentro de cada esfera e marca um posicionamento que se firma através do discurso.

Encontra-se na modernidade indivíduos descentralizados, sem raízes; as cidades estão superlotadas de pessoas, porém os laços afetivos que poderiam uni-las são raros. Nesse sentido, há nas metrópoles uma procura desesperada por raízes. E é neste cenário, palco dos contos de Caio Fernando Abreu, que os gays estão localizados, pois nesses lugares tão fragmentados seria de se esperar que a sobrevivência homoerótica fosse mais fácil, que eles teriam mais espaço para viver seus amores. Porém, este desejo nem sempre é concretizado, nesta imensidão que deveria preencher o vazio que afugenta os personagens dos contos do autor supracitado, muitas vezes, ela é ainda mais repressiva e impede os amantes de viverem seus sentimentos em liberdade. A vida passa e cabe às pessoas escolherem viver na roda gigante ou à margem da sociedade.

É comum afirmar que “as comunidades” (às quais as identidades se referem como sendo entidades que se definem) são de dois tipos. Existem comunidades de vida e de destino cujos membros [...] “vivem juntos numa ligação absoluta”, e outras que

² Movimento de resistência e libertação gay ocorrido no bar Stonewall IN de Nova Iorque, em que policiais e homossexuais entraram em conflito pela liberdade de se relacionarem e frequentarem locais públicos.

são “fundidas unicamente por idéias ou por uma variedades de princípios.
(BAUMAN, 2005, p.17)

Sabe-se que a metrópole é carregada de objetividade, pensamentos racionais e intelectuais, não cedendo espaço ao subjetivismo e ao sentimentalismo. Nessa sociedade formada por multidões descentradas, em um parque em que as ilusões são dissolvidas e a certezas também, o relacionamento entre as pessoas se torna conflituoso para a identidade, levando à individualização e ao conflito pessoal.

Os indivíduos homoeróticos tendem a criar um espaço para si, um lugar estranho, *queer*, lugar que possibilita que se relacionem entre si e possam coexistir livremente das represálias, que existem e aprisionam, mas que perdem um pouco do seu poder nesta esfera à esquerda. Não há raízes, apenas o desejo, que é censurado pelas regras sociais e essa luta por um espaço apresenta-se como um caminho para serem ouvidos ou ao menos vistos. Os caminhos da metrópole, identidade e homoerotismo se cruzam nas obras de Caio Fernando Abreu, eles coexistem e interdependem-se.

O homoerotismo não é apenas um novo termo para o gay, mas sim um conceito que busca abranger as diferentes formas de relacionamento homossexual, independentemente das relações histórico-culturais, das identidades específicas, da ausência ou presença de órgãos genitais. É um conceito livre de pré-conceitos; dentro da crítica literária principalmente, pois não impõe modelos identitários às personagens.

A CONFIGURAÇÃO DA IDENTIDADE HOMOERÓTICA PÓS-MODERNA NOS CONTOS “SARGENTO GARCIA”, “AQUELES DOIS”, “TERÇA-FEIRA GORDA” E “OS SOBREVIVENTES”

Caio Fernando Abreu possui como temáticas as drogas, o homoerotismo, a repressão sexual, a individualização e alheamento dos sujeitos. Por meio destes temas, é feito um desenho da sociedade, contrapondo os padrões de moral da época às ações dos sujeitos nela envolvidos; há um cenário de descentralização, histórias fragmentadas que formam um todo social.

Desta forma, fazemos aqui uma leitura *queer* a partir de uma leitura dos elementos transgressores, mas principalmente da fala das personagens; a partir daí, analisamos a personagem como “uma estratégia estética utilizada para personificar ideias de um modelo que foge à lógica dominante”. (MACHADO, 2006, p.90).

O conto “Sargento Garcia” relata um dia da vida Hermes, rapaz que muda os rumos de sua vida a partir da entrevista de dispensa do exército. Lá, ele conhece o sargento Garcia, homem que está avaliando todos os meninos para selecionar os que servirão ou não ao exército. Hermes está distraído

quando o sargento o chama e, durante todo o período de sua avaliação, ele é destrutado pelo seu superior, até o momento em que, perguntado qual carreira deveria seguir, ele responde que desejava estudar filosofia. Dessa forma, ele é dispensado do serviço. Ao sair do local e ir embora, o sargento aparece, lhe oferece uma carona e ele aceita. No caminho, Garcia faz-lhe uma proposta para irem juntos a um “lugar aí”, Hermes aceita e vão até a casa de Isadora. Lá, o garoto tem sua primeira experiência homossexual, que embora agonizante, o transformaria e ele sabia que nunca mais voltaria a ser o mesmo.

Neste conto, tem-se a retratação do estrangeiro, um personagem que não pertence àquele lugar e que procura se encontrar a todo custo e isto resulta na exploração de si. O conto retrata também as angústias que permeiam as personagens, a necessidade de se encontrar como sujeito autônomo, o desejo pelas experiências que a vida proporciona na busca de uma identidade, uma dolorosa reflexão existencial e, principalmente, a iniciação homossexual. A narrativa tem um narrador personagem, este tem no nome uma referência à mitologia uma vez que Hermes seria “[...] o mensageiro dos deuses, ladrão e andrógino” (ABREU, 2005, p.93). Este conta sua relação com o Sargento Garcia, que é o responsável pela sua iniciação, quem provou o frescor de seu jovem corpo/morango. O conto pode ser dividido em três atos. No primeiro, mostra a entrevista de alistamento militar, um ambiente de intimidação e de inícios eróticos. O segundo acontece a partir da saída de Hermes do quartel e o seu encontro com Sargento Garcia, e enquadra todo o envolvimento entre os dois, o ato sexual em um espaço onde a dona é Isadora, um homem travestido de mulher que prevê: “Tenho certeza que o mocinho vai a-do-rar, ficar freguês de caderno Ninguém esquece uma mulher como Isadora” (ABREU, 2005, p.91). Realmente, não esqueceria de Isadora e do que viveria no quarto sete que lhes fora dado. O último ato retrata a saída de Hermes daquele local e o início de sua vida livre do desejo que o aprisionava.

A história começa quando o Sargento Garcia chama o nome de Hermes, que está perdido em seus pensamentos e não percebe o chamado. Ali, começam os insultos, frases de impacto com o intuito de diminuir os demais presentes. A figura do Sargento é bem caricata e, segundo a descrição de Hermes, pode-se notar um excesso de metáforas e uma forte tendência à associação com símbolos sexuais e objetos/animais fálicos. Um homem forte, rústico, com bigote que cobre os lábios molhados, com olhar frio de cobra, postura de superioridade e, reforçando essa imagem, sua voz firme e o rebenque estalando vez e outra.

As imagens expostas, segundo a descrição mental do personagem, revelam indícios de homoerotismo em sua identidade pré-formada. Os desenhos se sobrepõem, contrastam-se e complementam-se em um jogo de sedução. Há uma espécie de dança do acasalamento entre os

personagens de Caio Fernando Abreu, sendo o corpo um local de magia, sedução e enfrentamento do condicionamento social:

“Muito perto, cheiro de suor de gente e cavalo, bosta quente, alfafa, cigarro e brilhantina. Sem mover a cabeça senti seus olhos de cobra percorrendo meu corpo inteiro vagorosamente. Leão entediado, general espartano, tão minucioso que podia descobrir a cicatriz de arame farpado escondida na minha coxa direita, ostrês pontos de uma pedrada entre os cabelos, e pequenas marcas, manchas, mesmo as que eu desconhecia todas as verrugas e os sinais mais secretos da minha pele. Moveu o cigarro com os dentes. A brasa quente passou raspando junto à minha face. O mamilo do peito roçou meu ombro. Voltei a estremecer.” (ABREU, 2005, p.81).

Na segunda parte do conto, o jovem se depara com seu destino em uma encruzilhada. Fora do quartel, o Sargento Garcia oferece uma carona a Hermes, que aceita; em seguida, recebe uma proposta:

“_Escuta, tu não tá afim de dar uma chegada comigo num lugar aí?
_Que lugar? _ Temi que a voz desafinasse. Mas saiu firme.
Aranha lenta, a mão subiu mais, deslizou pela parte interna da coxa. E apertou quente.
[...]A mão quente subiu mais, afastou a camisa, um dedo entrou no me umbigo, apertou, juntou-se aos outros, aranha peluda, tornou a baixar, caminhando entre as minhas pernas.
[...] Pegou minha mão. Conduziu-a até o meio das pernas dele. Meus dedos se abriram um pouco. Duro, tenso, rijo.” (ABREU, 2005, p.88-89)

Hermes aceita a proposta, experimenta a sensação de sentir e causar o prazer. A associação que fizera antes ao rebenque se repete ao descrever o órgão sexual do seu parceiro. O jovem sente que sua iniciação sexual está prestes a chegar e também a deseja, com receio, medo, mas um ardente desejo que o leva até a casa de Isadora com o Sargento. O lugar não recebe nomeação, sabe-se apenas que é um espaço homoerótico. Apesar do desejo, Garcia se preocupa em deixar o carro em um lugar um pouco afastado e ir à frente do garoto, fingindo que não o conhece e que não está indo ao mesmo lugar.

Ao chegar naquele local, entrarem no quarto, a exploração e conhecimento de seu próprio corpo começam. O Sargento Garcia começa a explorá-lo em cada canto, com desejo penetrá-lo. O ambiente decadente, feio, frio, cheirando a azedo não envolvia Hermes. Aquele corpo em cima do seu era estranho, tudo era estranho. Sua virgindade seria perdida com um homem grosso, sem jeito e que, comandado pelo desejo, não fazia nada para fazer com que Hermes ficasse mais a vontade. A penetração foi forçada como “Punhal em brasa, farpa, lança afiada”. (ABREU, 2005, p.92)

Neste momento, o garoto pensa em uma metáfora para aquela situação como “uma lanterna rasgando a escuridão de uma caverna escondida [...]”(ABREU, 2005, p.92), remetendo-se ao mito da

caverna. A luz simboliza o conhecimento, sair da alienação e buscar um nível de abstração maior, inteligência, conhecimento e liberdade. Naquele momento, ele teve sua libertação. Hermes consegue deitar de costas novamente e, assim que pode, se desvia daquele “saco de areia úmida jogada sobre mim” (ABREU, 2005, p.92). Veste-se e sai.

Ao sair daquele ambiente, Hermes está livre da repressão social, figurada pela imagem de um sargento, da necessidade de se enquadrar socialmente. Ele agora é um marginal por opção, ele é guiado pelo desejo de viver. Decide, então, começar a fumar, fazer o que tem vontade, revelando sua semelhança com o mitológico Hermes e sua personalidade dúbia. A liberdade enfim está em suas mãos e carnes, ainda que essa escolha o aprisione em um ambiente *queer*, o liberta da limitação social.

Em “Aqueles Dois”, Caio Fernando Abreu já abre o conto com uma provocação, há um subtítulo intrigante (História de aparente mediocridade e repressão). O título do conto nos remete a seus personagens centrais, Raul e Saul, dois homens que entraram no mesmo serviço no mesmo dia e que, entre um café e outro, começaram uma amizade. Ambos moravam sozinhos e eram solitários, por isso se aproximavam cada dia mais, compartilhando gostos, risadas, histórias, sofrimentos e felicidades, com suas conversas sempre regadas a músicas e filmes. Estes rapazes viriam a sofrer pela mediocridade das pessoas e repressão social. A amizade incomodava aos amigos do trabalho de tal forma que Raul e Saul chegaram a ser despedidos por serem acusados de manter uma “relação anormal”. Apesar dessa pressão da sociedade para com os homens, a cumplicidade e o carinho que os uniam, ajudaria-os durante todo o conto a superarem as barreiras e enfrentarem juntos os problemas e preconceitos da sociedade. Neste sentido, o próprio título do conto “Aqueles Dois” parece carregar certo preconceito, prenunciando o problema que enfrentariam.

Os protagonistas do conto são pessoas vindas de lugares diferentes, com histórias opostas e gostos singulares. E é “um deserto de almas” que irá abrigar rapazes com almas sedentas de vida e amor, ainda que intimidadas e um pouco deslocadas. Toda a aura que envolve o conto é fragmentada, incerta, recheada de cenas cotidianas. Saul gosta de pintura, desenha rostos, com grandes olhos sem íris ou pupilas e possui uma reprodução de uma tela de Van Gogh. Raul gosta de música e cantar velhos boleros espanhóis e de seu papagaio chamado Carlos Gardel. Seres que vagam com sua incompletude por lugares vazios, sem alma.

Sem entender o que sentiam, não conseguindo nominar as emoções presentes, só sabiam do desejo que tinham de se ver novamente, os dias passavam e se aproximavam cada vez mais e quando um ou outro faltava ao trabalho, o outro sentia-se “inquieto”, “desorientado”. Sentindo a necessidade de se verem mais, a identificação sendo uma constante e forte nas vidas dos rapazes, resolvem trocar endereços e telefones, passando mais tempo juntos. Reconheceram um no outro algo especial: “Num

deserto de almas também desertas, uma alma especial reconhece de imediato a outra _ talvez por isso, quem sabe? Mas nenhum deles se perguntou” (ABREU, 2005, p.132).

Não eram mais estranhos, simples colegas. Entre os dois, havia algo a mais, uma simpatia dada em nível superior. Os indícios de homoerotismo entre os dois eram percebidos pelos colegas de trabalho, pois Raul e Saul não aceitavam mais convites para saírem depois do trabalho com os colegas, passavam muito tempo juntos e surgiam cochichos o tempo todo. De acordo com Bauman:

“A abundância dos compromissos oferecidos, mas principalmente a fragilidade de cada um deles, não inspira confiança em investimentos de longo prazo no nível das relações pessoais ou íntimas. Tampouco inspira confiança no local de trabalho, onde o status social costumava ser definido, onde a vida continua a ser ganha e os direitos de dignidade e respeito social continuam a ser obtidos ou perdidos.” (2005, p.36)

O sentimento que preenche os dois ultrapassa rótulos de amizade e amor. Há uma cumplicidade, pois ambos sentiam-se solitários, compartilhavam frustrações amorosas, gostos parecidos, desejos reprimidos. Um tinha no outro o apoio necessário para percorrer os dias vazios naquele “deserto de almas”. Passaram as datas festivas de Natal e Ano Novo juntos, recusando todos os convites; identificavam-se pela tristeza e grande solidão. Um preenchia o outro e apagavam as marcas do passado um do outro. Trocaram presentes, combinaram viagens de férias juntos, mas foram surpreendidos quando retornaram ao trabalho. O chefe os chamou e foi direto em sua decisão:

“[...] tinha recebido algumas cartas anônimas. Recusou-se a mostrá-las. Pálidos, os dois ouviram expressões como “relação anormal e ostensiva”, “desavergonhada aberração”, “comportamento doentio”, “psicologia deformada”, sem assinaturas por Um Atento Guardião da Moral.” (ABREU,2005, p.140)

Foram despedidos: a possível relação homoerótica entre os dois despertou os reprimidos preconceitos homofóbicos. A mediocridade das pessoas tenta repreender uma paixão, como já previra o subtítulo do conto. Mesmo que não houvesse qualquer prova dessa relação ser homoafetiva, o preconceito prevaleceria, com o argumento de “zelar-pela-moral-dos-meus-funcionário [...]” (ABREU, 2005, p.140). Saíram do prédio juntos e foram embora no mesmo taxi. As pessoas ficaram a fazer comentários maldosos, porém eles não ouviram: o táxi já havia partido. Quem ficou permaneceu infeliz com vidas tristes e medíocres. Aqueles dois seguiriam suas vidas, como o taxi segue o caminho. Não há violência física, apenas psicológica, mas que marca suas vidas. As almas seguem seus caminhos, longe do “deserto de almas também desertas”.

O conto “Terça-feira Gorda” aborda o envolvimento de dois homossexuais durante uma festa de carnaval e a repressão social sofrida pelos mesmos. Dois homens se interessam um pelo outro e resolvem provar a experiência do desejo carnal que os envolve. Porém, há olhares que recriminam, vozes que provocam e ofendem, até que, em determinado momento, quando estão realizando o ato sexual, um grupo de pessoas chega e os agride psicológica e fisicamente até que um deles é morto. Tudo começa:

De repente ele começou a sambar bonito e veio vindo para mim. Me olhava nos olhos quase sorrindo, uma ruga tensa entre as sobrancelhas, pedindo confirmação. Confirmei, quase sorrindo também, a boca gosmenta de tanta cerveja morna, vodca com coca-cola, uísque nacional, gostos que eu nem identificava mais, passando de mão em mão dentro dos copos de plástico. Usava uma tanga vermelha e branca, Xangô, pensei, lansã com purpurina na cara, Oxaguiã segurando a espada no braço levantado, Ogum Beira-Mar sambando bonito e bandido. Um movimento que descia feito onda dos quadris pelas coxas, até os pés, ondulado, então olhava para baixo e o movimento subia outra vez, onda ao contrário, voltando pela cintura até os ombros. Era então que sacudia a cabeça olhando para mim, cada vez mais perto. (ABREU, 2005, p.56)

A linguagem utilizada pelo narrador tem um apelo poético, trazendo um tom de confissão ao leitor. Este narrador personagem possibilita uma maior aproximação de quem lê, fazendo com que este veja e sinta cada cena, passando pelo encontro, a sedução, e o sofrimento causado pelo preconceito do outro. O corpo possui destaque na descrição da cena, o sentimento é exalado pelas palavras; tem-se nesse trecho uma dança, conduzida pelo balanço dos quadris ritmado pelo som carnavalesco. Ao longo do conto, há uma aproximação cada vez maior entre aqueles corpos estranhos no meio da multidão: “Ele encostou o peito suado no meu. Tínhamos pêlos, os dois. Os pêlos molhados se misturavam. Ele estendeu a mão aberta, passou no meu rosto, falou qualquer coisa. O quê, perguntei. Você é gostoso, ele disse.” (ABREU, 2005, p.57).

O personagem diz ter andado por aí, sem especificar o lugar, já que é um marginal, tido como desviado social, buscando se encontrar. É no corpo do outro que ele se encontra. O personagem se caracteriza por não ser “bicha”, simplesmente é atraído por acaso por outro corpo, que por acaso é de outro homem; tem-se aí uma relação homoerótica.

A configuração dos personagens rompe com estigmas cristalizados, como o de um ser masculino com características femininas, corpo, voz e atitudes afeminadas. O encontro entre os dois homens não é velado, mas sutil. Os olhares dizem mais que as palavras, comprometem, seduzem.

A fase da paquera não dura muito, visto que os rapazes se desejam e se identificam. Há, porém, a presença da homofobia, apresentada aqui por meio de grupos de pessoas que praticam o *bullying*. No primeiro momento, através de comentários maldizendo os amantes; posteriormente é

narrado um momento de agressão em que os amantes sofrem devido ao seu encontro e desejo, eles tentam fugir daquela situação, no entanto um é morto.

O carnaval é uma festa onde as pessoas se vestem de ser o outro, o oposto. Logo aí se percebe a negação do estranho, é neste ponto que os amantes percebem que estão sem máscaras. As máscaras simbolizam as amarras sociais, a necessidade que as pessoas possuem de se adequar ao moldes padronizados e a não adequação nestes padrões gera uma recusa social, são jogados à margem social.

Aqueles que praticaram a homofobia precisavam da máscara para se proteger, negavam suas personalidades, podendo ser também um ser *queer* que busca a padronização e rejeição daquilo que vivem e são (ou seriam) se não fossem os grilhões sociais.

Mas vieram vindo, então, e eram muitos. Foge, gritei, estendendo o braço. Minha mão agarrou um espaço vazio. O pontapé nas costas fez com que me levantasse. Ele ficou no chão. Estavam todos em volta. Ai- ai, gritavam, olha as loucas. Olhando para baixo, vi os olhos dele muito abertos e sem nenhuma culpa entre as outras caras dos homens. A boca molhada afundando no meio duma massa escura, o brilho de um dente caído na areia. Quis tomá-lo pela mão, protegê-lo com meu corpo, mas sem querer estava sozinho e nu correndo pela areia molhada, os outros todos em volta, muito próximos. (ABREU, 1984, p. 59)

Os agressores não são simples homens mascarados, representam as vozes de toda uma sociedade, toda a representação que agride fisicamente e, principalmente, psicologicamente. A única saída é fugir. E é assim que o narrador-personagem age, deixando o outro ser agredido e morrer, renegando o amor e sua identidade para salvar sua vida.

É preferível se enquadrar do que sofrer. O olhar do personagem se volta e vê o corpo do outro cair como um “figo maduro”; tem-se a representação da dor na caída do figo em pedaços sangrentos. A cena final é deprimente: a morte para um foi o único final a ele possibilitado, vítima da sociedade; já para o outro foi a negação de sua identidade homoerótica. A queda do figo é muito simbólica, pois ao mesmo tempo em que suaviza a dor da morte, figura a indiferença frente ao outro, um ser qualquer, sem identidade, ou pior, de identidade bloqueada pela sociedade.

“Os Sobreviventes” flagra a história de um casal, formado por um homem e uma mulher, que já têm uma certa idade, em momento de discussão amargurada pelo fim de seu relacionamento. Em meio ao diálogo, eles fazem um balanço melancólico das escolhas que fizeram, do que poderiam ter sido, dos sonhos inalcançados e da realidade frustrante em que vivem. É interessante notar que, embora sejam profissionais de sucesso e pertencentes a chamada classe média burguesa, eles sentem-se derrotados pela vida, com um sentimento agudo de terem falhado inexoravelmente em seus projetos de felicidade:

[..] um dia de merda enquanto seguro aquele maldito emprego de oito horas diárias para poder pagar essa poltrona de couro autêntico onde neste exato momento vossa reverendíssima assenta sua preciosa bunda e essa exótica mesinha-de-centro em junco indiano que apóia nossos fatigados pés descalços ao fim de mais outra semana de batalhas inúteis, fantasias escapistas [..] neste apartamento que pago com o suor do po-ten-ci-al criativo da bunda que dou oito horas diárias para aquela multinacional fodida. (ABREU, 2005, p. 25-28)

Os desabafos tomam a noite, em um discurso fragmentado e carregado de mágoa, principalmente pela mulher. Os dois buscam uma última conversa, até que ela o manda embora. Ele segue seu caminho, pedindo muito “axé”.

Sem dúvida este é um dos contos da coletânea *Morangos Mofados* que melhor expressa a fragmentação do ser humano e o niilismo existencial que o atinge de forma avassaladora. A vida das personagens não tem muito sentido, passaram dias gastando o tempo com planos, ações e desejos que não tinham significado. Eles têm uma consciência aguda do nada que (não) rege seus caminhos e assim continuam. Há um excesso de imagens que vão se sobrepondo umas sobre as outras, sem uma lógica aparente, com discursos entrecortados. A falta de pontuação revela a confusão psicológica que os envolve. O conto é narrado em primeira pessoa e, como os personagens estão em uma conversa que se acentua para discussão, em alguns pontos, um fala e o outro o corta, cada um seguindo sempre o seu raciocínio sem permitir que o outro conclua uma ideia. Assim, os pensamentos invadem e são sobrepostos em segundos, fazendo com que as falas se misturem e se confundam:

Eu quero dizer que sim, que acreditei, mas ela não pára, tanto tesão mental espiritual moral existencial e nenhum físico, eu não queria aceitar que fosse isso: éramos diferentes, éramos melhores, éramos superiores, éramos escolhidos, éramos mais, éramos vagamente sagrados, mas no final das contas os bicos dos meus peitos não endureceram e o teu pau não levantou. (ABREU, 2005, p.26)

Ambos se angustiam pelos fracassos de suas vidas, por tentarem por tanto tempo se enquadrar em um mundo ao qual não pertenciam, por seus projetos materiais não se conciliarem com as ideologias vivenciadas na juventude. Esse conto mostra a amargura de toda uma geração que vivenciou, de forma dramática, a utopia libertária dos anos 1960 e a repressão política da ditadura militar, que acalentaram ideais de democracia e se perderam na árdua luta pela escalada social. Todo o “po-ten-ci-al criativo” que tiveram, as lutas que não travaram em um cenário de ditadura, a vida que negaram para se adequarem pois, como atestam no conto, o negócio dele é homem, e o dela é mulher, mas escolheram formar um casal hétero e, no final de tudo, acabariam sozinhos, com inúmeros desejos, planos não concretizados e o gosto do fracasso rasgando suas gargantas:

caminhamos tontos até o banheiro onde sustento sua cabeça para que vomite, e sem querer vomito junto, ao mesmo tempo, os dois abraçados, fragmentos azedos sobre as línguas misturadas. (ABREU, 2005, p.29)

Negar a identidade *queer* foi preferível do que aguentar a pressão de uma sociedade repressiva. A frustração é tão grande que lhes faltam palavras, somem, buscam em músicas, trechos que possam dizer o que não alcançam. Ele e ela dizem ter tentado de tudo “mas foi uma bosta”. E continua a ser durante a conversa em que buscam entender onde estava o erro, porém não conseguem ter um foco narrativo, o discurso indireto livre impera, marcado pela fragmentação identitária e pelo fracasso da relação afetiva.

A história que se inicia em diálogo, passeia por diversos monólogos, visto que a incompatibilidade comunicativa atrapalha o fluxo da conversa. A mulher traz uma amargura tão profunda com o fim da relação que brinca com a ironia em vários momentos. O grande problema que ela enfrenta não é o fim do relacionamento, mas a falta de amparo, a solidão em que se encontra uma vez que, a partir do rompimento da relação, ela não teria com quem compartilhar as frustrações. Ela é mais uma solitária em uma casa qualquer vazia, de uma cidade qualquer. O que lhe traz indignação é que ele fugirá pra viver, o Sri Lanka é uma possibilidade que ela sugere, mas qualquer outro lugar que ele pudesse ir não lhe agradaria, visto que ela não deseja ficar sozinha, agonizar uma vida solitária.

A voz da personagem não a representa somente, traz consigo a voz de toda uma geração calada, que sofreu a repressão militar, que teve a voz emudecida. Embora fossem cultos, ou não, havia barreiras que os impediam, rotas de fuga que não funcionaram, eles tinham “a biblioteca de Alexandria separando” (ABREU, 2005, p.26) seus corpos. O relacionamento hétero falira, a preocupação com a vida, com o que fazer da/na vida sem o outro companheiro, sozinha, é angustiante e tenebrosa. Sobretudo para a figura feminina, o recomeço, a partir de uma certa etapa da vida, mostra-se mais difícil e penoso:

claro que deve haver alguma espécie de dignidade nisso tudo, a questão é onde, não nesta cidade escura, não neste planeta podre e pobre, dentro de mim? ora não me venhas com autoconhecimentos-redentores, já sei tudo de mim, tomei mais de cinquenta ácidos, fiz seis anos de análise, já pirei de clínica, lembra? (ABREU, 2005, p.27-28)

O processo de definição de uma identidade é inverso uma vez que aqui ocorre uma desdefinição, uma perda da identidade, que se fragmenta em pequenos *flashes* chegando ao fim como meros sobreviventes. Os moldes da sociedade exigem um modelo de casal pré-estabelecido para que se auto-afirmem e diferenciem-se dos outros ao mesmo tempo que perdem sua individualidade homoerótica e individual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As literaturas de minoria depois de muito tempo passam a receber um pouco mais de espaço. Caio Fernando Abreu através de seu fino trato com a linguagem conseguiu quebrar barreiras e trazer novos horizontes para a literatura brasileira e quiçá mundial, abordando temas como a AIDS, solidão, angústia, questões de gênero e problemas sociais.

Os personagens homoeróticos do referido autor possuem características excêntricas, com personalidades descentralizadas, marginais e que fogem as normas preestabelecidas socialmente. A exposição destas personalidades e desejos ocultos levam os personagens a sofrerem repressões, homofobias e violências físicas.

Em relação às experiências urbanas, nota-se que são descentralizados, em constante procura de suas identidades, peregrinos em busca de relações afetivas, laços afetivos ainda que curtos na metrópole. Constatam-se a falta de nomes na maioria dos personagens, o que denota a falta de identidade e individualidade, típicas da pós-modernidade.

Geralmente, são personagens que representam um universo queer, indivíduos que ainda estão à margem da sociedade, o nome não lhes é importante, já que tudo é inconstante e em constante construção. Por isso, nos contos analisados, não são possíveis os *happy-ends* cinderelescos. Há relatos poéticos de vidas mascaradas pela repressão social, com personagens que andam por túneis sem luz para os guiar, mas mesmo assim trilham pelas margens, vagam sempre nas noites em busca de algo que eles mesmos, não raras vezes, desconhecem. O fio que os conduz é ligado ao futuro *blue* e incerto. Todos os contos são relatos de passageiros que deixam suas marcas e levam os leitores/companheiros a refletir sobre a vida e sair do lugar-comum.

REFERÊNCIAS

ABREU, C. F. **Morangos Mofados**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

BAUMAN, Z. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005

BLOOM, H: “Uma elegia para o cânone”. In: **O cânone Ocidental**. Os livros e a escola do Tempo. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

FOUCAULT, M. **Um diálogo sobre os prazeres do sexo – Nietzsche, Freud e Marx – Theatrum Philosophicum**. São Paulo: Landy, 2000.

HUTCHEON, L. **Poética do Pós-modernismo**. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

MACHADO, D. M. **O amor como falta em Caio Fernando Abreu**. (Dissertação de Mestrado em Letras) -. Rio Grande do Sul: Universidade Federal do Rio Grande, 2006.

SANTOS, C. R. dos. ; WIELWICKI, V. H.G. “Literatura de minorias étnicas e sexuais”. In: BONNICI, T.; ZOLIN, L.O. (orgs) **Teoria Literária abordagens históricas e tendências contemporâneas**. Maringá: UEM, 2005.